

# Nota sobre a evolução recente da geografia da banca em Portugal<sup>1</sup>

**Iva Maria Miranda PIRES**

CEG- Universidade de Lisboa  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa  
Avenida de Berna, 26-C, 1069-061 LISBOA (PORTUGAL)  
Tel.: +351.217933519 Fax: +351.217977759 e-mail: im.pires@fctsh.unl.pt

**José Afonso TEIXEIRA**

Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa  
Avenida de Berna, 26-C, 1069-061 LISBOA (PORTUGAL)  
Tel.: +351.217933519 Fax: +351.217977759 e-mail: joafteix@fctsh.unl.pt

## 1. Introdução

Nas últimas décadas, a banca em Portugal foi alvo de sucessivas reestruturações decorrentes de factores internos e externos. Por um lado, o sector passou, em pouco tempo, de uma estrutura quase totalmente nacionalizada para uma outra em que a participação do Estado é minoritária; por outro lado, o processo de globalização financeira, que tem conduzido a uma crescente integração entre a banca e os seguros (*bancassurance*) e ao aumento da dimensão económica através de fusões e aquisições (F&A), também teve impacto na banca nacional.

Depois da privatização da actividade bancária seguiu-se um período de crescimento e afirmação dos novos bancos que decorreu até meados da década de noventa. Os dois momentos de maior crescimento aconteceram entre 1992/1993 e 1996/1997. Nessa altura o crescimento abrandou e mais tarde inverteu-se, tendo-se observado uma redução do número de bancos entre 1999 e 2000, em consequência do processo de concentração. A implementação de medidas de racionalização, o forte crescimento de operações electrónicas entre instituições e uma cobertura geográfica suficiente também contribuíram para esta evolução.

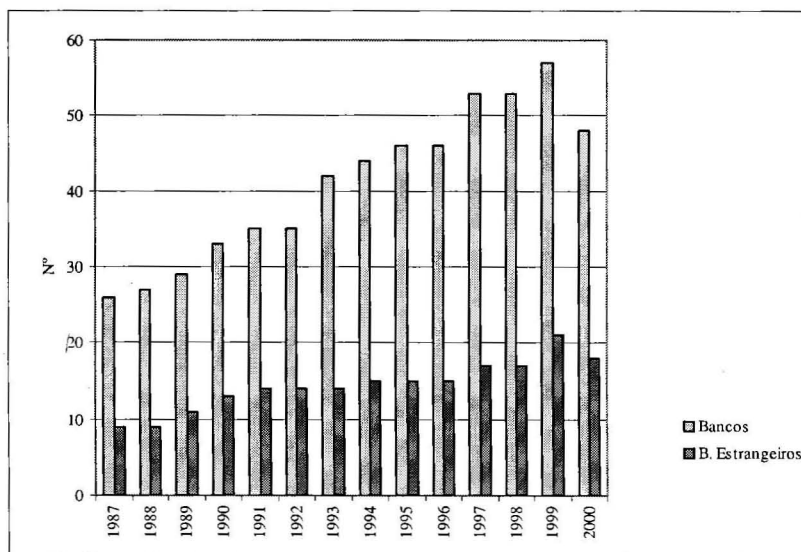
---

<sup>1</sup> O objectivo desta nota é dar uma imagem da “geografia da banca” em Portugal e sua evolução recente. São utilizados dados publicados pela Associação Portuguesa de Bancos (APB), separando os bancos nacionais dos estrangeiros.

Este período correspondeu também ao da implantação da banca estrangeira. Em 1987, dos 26 bancos existentes 9 tinham controlo accionista estrangeiro (figura 1), valor que duplicou até ao final da década de 90. No entanto, em comparação com a evolução do número de bancos nacionais, a dos estrangeiros foi mais gradual, porque a entrada de novos bancos foi acompanhada pelo encerramento de outros. Em 1991 representavam 40% dos bancos a operar no nosso mercado e actualmente apenas 37,5%, embora isso não signifique redução do seu peso económico. Pelo contrário, os bancos nacionais são de pequena dimensão, quando comparados com os restantes da UE ou mesmo com a banca espanhola.

Apesar da sua reduzida dimensão, o interesse da banca estrangeira pelo nosso mercado resulta de estratégias de expansão e conquista de novos mercados, mesmo pequenos, reproduzindo aí as vantagens adquiridas noutros mais desenvolvidos e acompanhando as empresas do seu país envolvidas em processos de internacionalização (o que pode justificar a presença de bancos brasileiros e espanhóis). O uso de novas tecnologias de informação e comunicação também facilita a criação de grupos financeiros com capacidade para operar no mercado global, reduzindo custos e tornando rentáveis as operações em mercados pequenos. As transformações operadas na economia nacional (modernização do tecido económico, privatização da banca e crescimento dos dois segmentos da procura – o das famílias e o das empresas) também são factores explicativos do interesse pelo nosso país.

**Figura 1 - Evolução do número de bancos (total) e bancos estrangeiros em Portugal**



Fonte: Associação Portuguesa de Bancos

O reforço da banca estrangeira em Portugal deve-se, em grande parte, à banca espanhola, quer pela criação directa de balcões, quer pela aquisição de bancos nacionais. Os espanhóis marcam presença não só nos principais centros urbanos do litoral mas também nos mais importantes do interior junto à fronteira, acompanhando a presença de outras empresas espanholas.

## 2. Caracterização da banca

Tendo em atenção os dados gerais de caracterização da banca em Portugal verifica-se que a difusão de formas alternativas de prestação de serviços (por exemplo a banca electrónica) permite aos bancos continuar a alargar a sua oferta sem recurso ao aumento do emprego (quadro 1). Com efeito, apesar de o número de balcões ter crescido 26%, entre 1995 e 2000, o emprego decresceu 8%. No entanto, o ritmo de decréscimo do emprego parece estar a acelerar já que, entre 2000 e 2001, desapareceram 1644 empregos (-2,8%). Por outro lado, o processo de fusão entre instituições financeiras implica a racionalização das redes e a redução do número de balcões. No último ano foram encerrados 191 balcões (-3,4%). A informatização dos processos de produção e a exteriorização das tarefas mais banais para o cliente permitiram reduzir o número médio de funcionários por agência e obter enormes ganhos de produtividade.

**Quadro 1 – Indicadores gerais de caracterização da banca (1990, 2000 e 2001)**

	1990	2000	2001
Nº de bancos nacionais	26	30	35
Nº de bancos estrangeiros	9	18	17
Nº de balcões	1991	5550	5359
Nº empregados	59162	59056	57412
Nº empregados /balcão	30	11	11

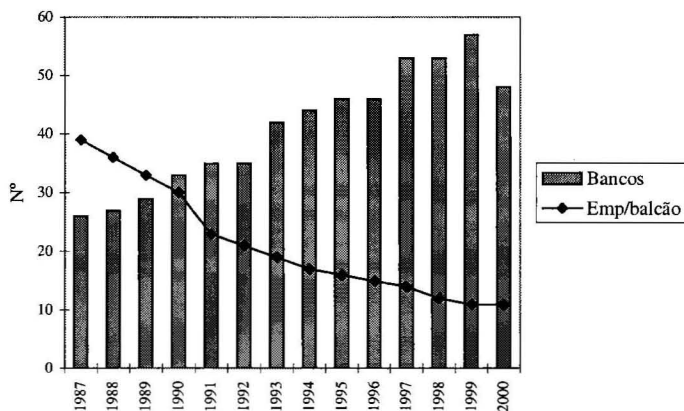
Fonte: Associação Portuguesa de Bancos

A evolução da dimensão média das agências mostra bem o impacto da difusão das novas tecnologias e da adopção de novos modelos organizativos (figura 2). Por um lado o uso das TIC facilita e acelera o atendimento do cliente no balcão, por outro os bancos têm feito um enorme esforço no sentido de criarem as condições (como a difusão das caixas ATM e a generalização do cartão multibanco) que permitam transferir as tarefas mais banais para o cliente. Actualmente, o recurso à banca electrónica quase dispensa a ida ao balcão, pelo que, no futuro, deverá prosseguir esta tendência.

As agências poderão passar a oferecer os serviços mais qualificados e aqueles onde o contacto directo com o cliente continua a ser importante (apoio às empresas, serviços financeiros, produtos personalizados, etc.).

Para além da redução do número de efectivos, as mudanças incidiram também na estrutura do emprego, algumas difíceis de captar através da informação estatística disponível. Para o apoio personalizado às empresas e aos melhores clientes são necessários recursos humanos qualificados e experientes, conhecedores da “cultura da instituição”; pelo contrário as operações de rotina são realizadas pelos empregados menos qualificados, mais jovens e em início de carreira.

**Fig. 2 – Evolução do número de bancos e da dimensão média das agências bancárias (1987-2000)**



Fonte: Associação Portuguesa de Bancos

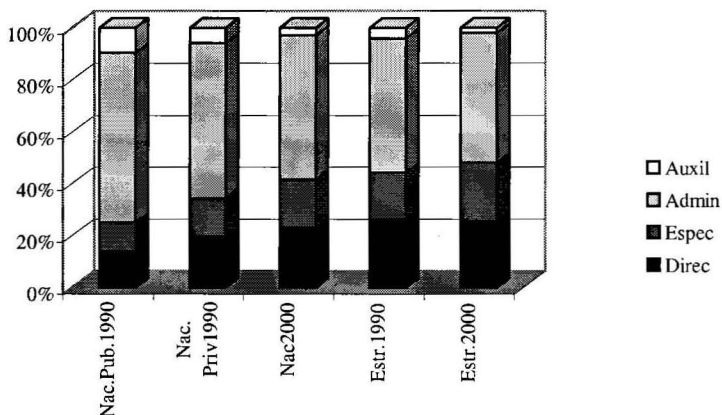
Uma breve caracterização do emprego na última década permite constatar que não existem diferenças acentuadas entre a banca nacional e a estrangeira em termos de repartição funcional (figura 3) e estrutura etária (figura 4) do emprego. No entanto, ao contrário da banca nacional, na estrangeira têm maior peso as funções especializadas e de direcção. As funções administrativas, sendo predominantes na estrutura do emprego, estão em quebra, sobretudo nos bancos nacionais.

### 3. Geografia da banca

#### 3.1 Alguns exemplos de implantação no território

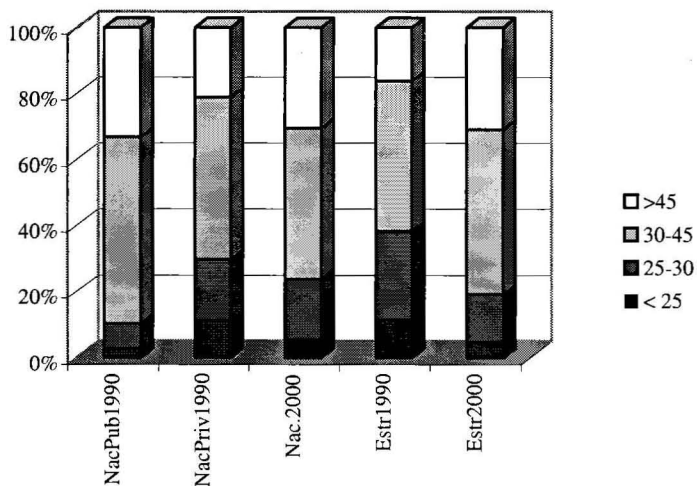
A análise da geografia da banca em Portugal revela um reforço do padrão já identificado por André e Malheiros (1990). Na última década, assistiu-se a um duplo movimento de dispersão para cobertura de todo o território e, ao mesmo tempo, concentração nas áreas metropolitanas e na faixa litoral. Em 2000, eviden-

Figura 3 - População bancária por funções, segundo a natureza da instituição (1990 e 2000)



Fonte: Associação Portuguesa de Bancos

Figura 4 - População bancária por escalões etários, segundo a natureza da instituição (1990 e 2000)



Fonte: Associação Portuguesa de Bancos

ciam-se bem as duas AM e a faixa litoral entre elas. O litoral algarvio também tem uma boa cobertura, enquanto no interior, embora existindo balcões em todos os concelhos, destacam-se os maiores centros urbanos, em particular as capitais de distrito (figuras 5a e 5b).

Esta fase de expansão e consolidação traduziu-se em taxas de crescimento do número de balcões muito elevadas, sobretudo no litoral, com excepção das duas principais cidades, onde o crescimento é já mais moderado (figura 6). Contudo, em muitos concelhos do interior as elevadas taxas de crescimento são mais o resultado dos baixos valores de partida, pelo que a duplicação do número de balcões se traduz num acréscimo, em termos absolutos, de apenas mais um ou dois balcões.

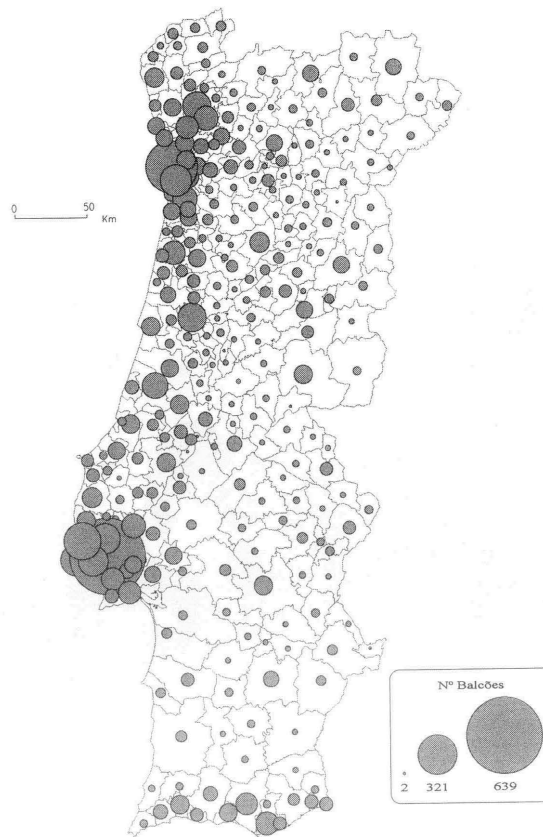
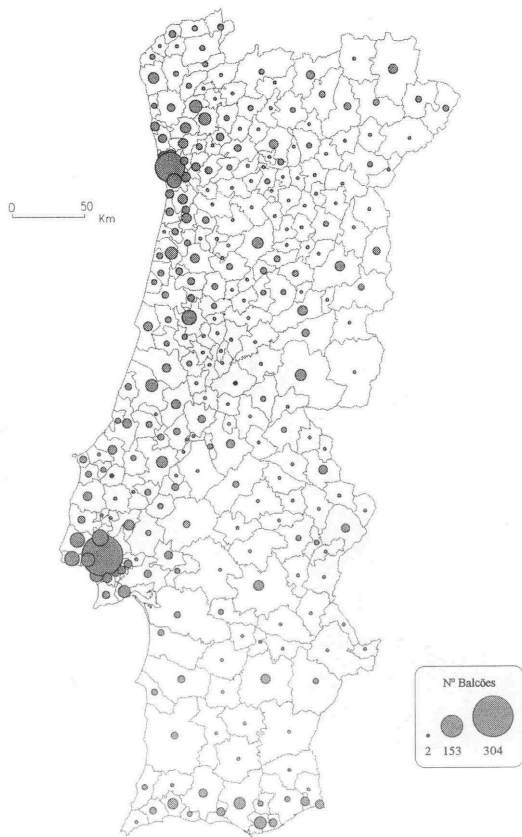
Em 1988, como observaram André e Malheiros (1990), a implantação da banca estrangeira estava ainda numa fase inicial e concentrada nas cidades de Lisboa e Porto. Em apenas dois anos, o padrão manteve-se mas o número de balcões aumentou de forma considerável, sobretudo em Lisboa (figura 7a). Como seria de esperar, este padrão apresenta um elevado grau de concentração, tendo sido privilegiadas as áreas metropolitanas na primeira fase de abordagem ao mercado nacional. No entanto, é também visível uma estratégia de aproximação à população com maiores rendimentos e à população estrangeira a residir em Portugal, com a abertura de balcões na linha de Cascais e no Algarve, e ainda a empresas de capital estrangeiro (por exemplo no vale do Ave). Uma década mais tarde o padrão de distribuição dos balcões de bancos estrangeiros já apresenta mudanças significativas.

Para além do forte aumento verificado em vários concelhos das áreas metropolitanas (incluindo as suas capitais), observa-se uma ampla cobertura geográfica do território nacional. As excepções são as regiões em perda demográfica e com um tecido económico pouco dinâmico (nordeste transmontano e concelhos mais rurais do interior) (figura 7b).

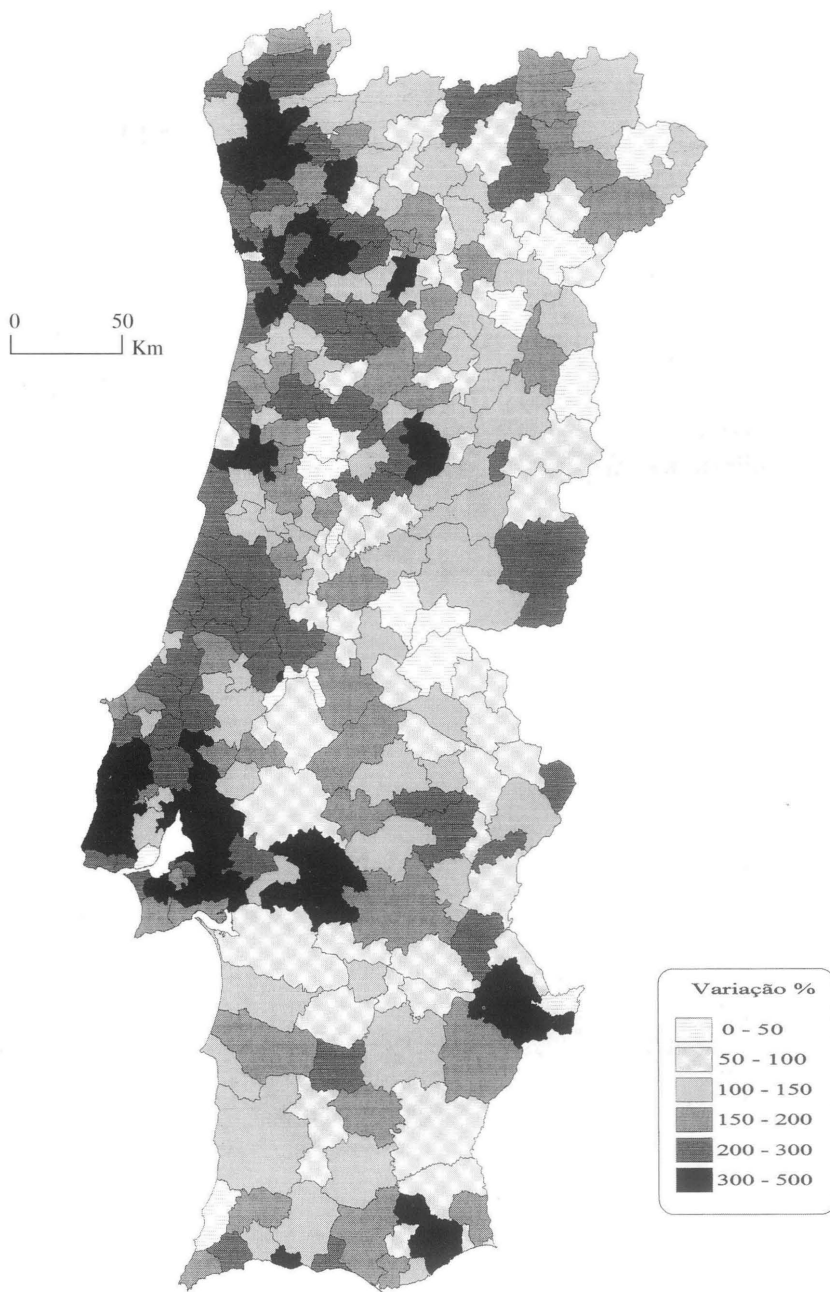
De seguida apresentam-se exemplos da geografia da banca em Portugal. Os dois primeiros são bancos “centenários” (Caixa Geral de Depósitos e Banco Espírito Santo), que garantem uma cobertura integral do território nacional. O terceiro caso (Grupo Banco Comercial Português), mostra como, através de um forte crescimento orgânico e de uma política de fusões e aquisições é possível num curto período de tempo desenvolver uma estratégia de cobertura integral do território. O exemplo do Barclays revela a estratégia selectiva de um banco global na escolha dos locais de implantação. O Finibanco, de origem nacional, tem também um posicionamento selectivo no mercado; a sua implantação territorial reflecte mais esse facto do que a circunstância de ser um banco recente. Por fim, o Banif exemplifica um banco que começou por consolidar a sua posição nos territórios insulares, afirmando-se posteriormente no Continente e apoiando-se nas comunidades portuguesas residentes no exterior para se internacionalizar.

A Caixa Geral de Depósitos (CGD), criada em 1876, constitui uma referência no sistema financeiro português. Em 1909 foi reorganizada tendo sido apontado como objectivo a abertura de agências em todos os concelhos. O padrão espacial que hoje apresenta (figura 8a), muito concentrado nas áreas metropolitanas, mas

Figuras 5 a e 5b – Evolução da repartição espacial do número de balcões de bancos em Portugal (1990 e 2000)



Fonte: Associação Portuguesa de Bancos

**Figura 6 – Variação do número de balcões, por concelho (1990-2000)**

Fonte: Associação Portuguesa de Bancos



com uma cobertura integral do território através da presença de balcões em todos os municípios revela que aquele objectivo foi atingido. A CGD e, em termos gerais o grupo financeiro a que dá o nome, soube adaptar-se ao contexto concorrencial que caracteriza os mercados desde meados da década de 80, adoptando uma “cultura de valor acrescentado orientada para o cliente”, tornando-se mais eficiente através da reorganização interna, da racionalização de recursos humanos e da integração de actividades. Afirmo hoje a sua vocação de banco universal, coordenando posições nas áreas tradicionais de negócio e investindo em segmentos inovadores e nichos especializados. A pequena dimensão do mercado português justifica a importância que o grupo atribui à internacionalização na sua estratégia de expansão.

O Banco Espírito Santo, cujas origens remontam também ao último quartel do século XIX, foi consolidando a sua posição na banca portuguesa através de fusões, sendo de destacar a que ocorreu em 1937 com o Banco Comercial de Lisboa. O grupo teve um papel relevante no desenvolvimento económico e no esforço de modernização industrial do pós-guerra, tendo mesmo iniciado negócios na esfera internacional antes de 1974. Após a Revolução, o grupo criou a Espírito Santo International Holding, no Luxemburgo, tendo desenvolvido a partir daí as suas actividades no exterior. Em 1986 regressou a Portugal: constituiu o Banco Internacional de Crédito (BIC), retomou o controlo do BES e recuperou a seguradora Tranquilidade. Procedeu, então, a uma ampla reestruturação organizativa e tecnológica, prosseguiu o crescimento orgânico no mercado interno e continuou a apostar nos mercados externos, em particular naqueles que têm maior afinidade com Portugal. O padrão de difusão no território parece ter seguido a hierarquia urbana tradicional, apoiada nas cidades de Lisboa, Porto, Braga, Coimbra e nas capitais de distrito do interior (figura 8b).

O Grupo Banco Comercial Português, com forte implantação no território (figura 8c), surgiu em 1985, dadas as condições favoráveis tanto em termos de enquadramento internacional, como ao nível interno (adesão à CEE, liberalização dos sectores produtivos, alguma dificuldade de reacção das instituições financeiras portuguesas face à concorrência). Entre 1985 e 1994, registou um elevado crescimento orgânico e desenvolveu as primeiras experiências de internacionalização (Espanha, Itália, participação na Eureko, aliança que agrupa grupos financeiros de oito países europeus). Em 1992, solicitou a admissão à cotação na Bolsa de Nova Iorque, em 1995, à de Francoforte e, em 1996, à de Londres. Desde 1995 a estratégia de crescimento no mercado interno tem privilegiado as aquisições, sendo de destacar a da Companhia de Seguros Império e a do Banco Português do Atlântico e, mais recentemente, a do Banco Pinto e Sotto Mayor. Em simultâneo tem apostado na diversificação para outras áreas de negócio (seguros, *home banking*, banca de retalho, comércio electrónico, etc.) e no aprofundamento da internacionalização (Moçambique, Polónia, Grécia, Macau).

O Barclays é um dos grandes bancos internacionais que teve a sua origem na City de Londres há mais de 300 anos. Está presente em cerca de 70 países, com mais de 4200 agências. É um dos maiores gestores de activos ao nível mundial e integrou Portugal na seu processo de expansão quando a adesão à CEE garantiu as necessárias condições de estabilidade. Face aos exemplos atrás referidos a estratégia deste banco é muito mais selectiva, tanto nos clientes como na implantação territorial. Privilegia o serviço personalizado a clientes (empresas e particulares) de rendimentos mais elevados, aposta em áreas como a gestão de activos, o aconselhamento patrimonial e financeiro, o acompanhamento permanente dos mercados nacional e internacional. Explora as potencialidades de novos canais como o contacto directo via telefone ou a internet, o que também contribui para uma maior selectividade territorial na implantação dos balcões. Assim, a rede de agências concentra-se nas áreas metropolitanas, nas cidades com uma “imagem empresarial” mais notória e nas capitais de distrito (figura 8d). A selectividade espacial é bem patente nas AM, onde se destacam, Lisboa, eixo de Cascais, Almada, Setúbal, e, Porto, Maia e Gaia. Mesmo na capital há uma escolha estratégica na localização das agências em função do ambiente empresarial ou do nível de rendimento.

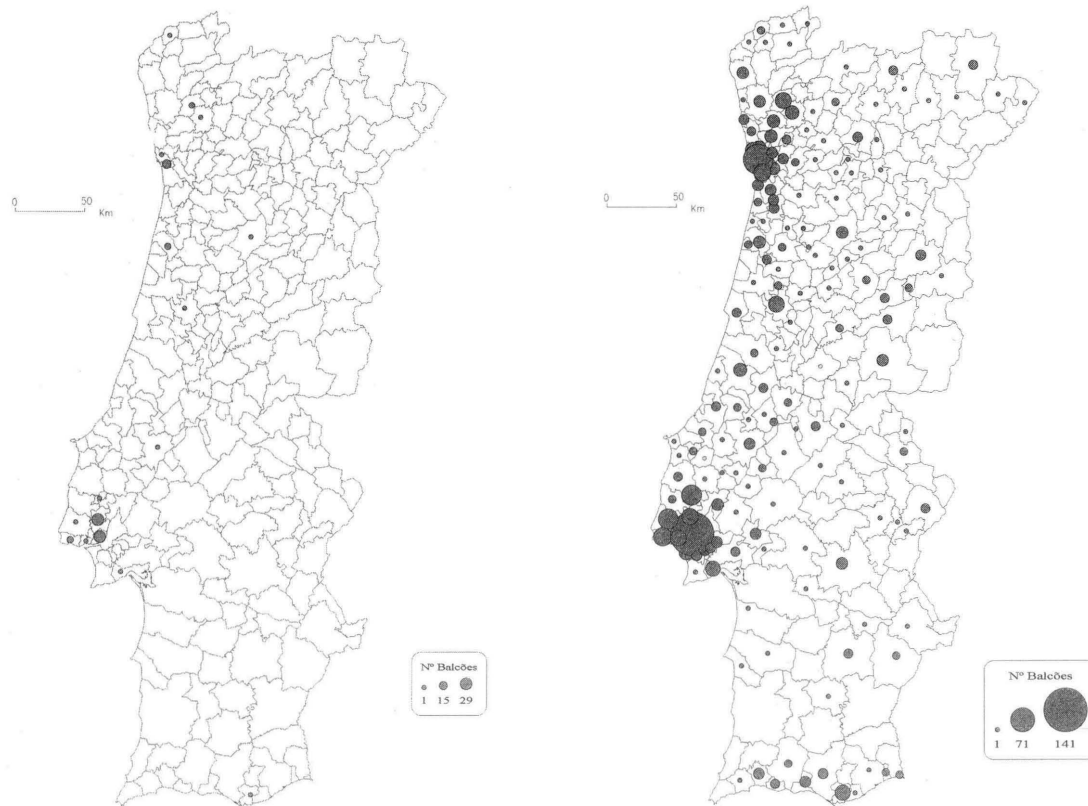
O Finibanco foi fundado em 1993 pelo grupo Vicaima, tendo assumido, desde o início, uma estratégia selectiva, em termos de “*core business*” e naturalmente também ao nível da implantação territorial. Privilegia o crescimento orgânico e orienta-se para as PME e os particulares de médio e alto rendimento. Aposta no serviço financeiro global ajustado às necessidades do cliente e na personalização e qualidade do serviço. Procura compatibilizar estes objectivos com a utilização de canais inovadores (telefone directo, internet). As suas 80 agências localizam-se nas áreas metropolitanas e nas regiões com maior dinamismo empresarial (figura 8e). Tal como outros grupos financeiros está presente nas *offshores* da Madeira, ilhas Caimão e Macau.

O Banif surgiu na Região Autónoma da Madeira há 14 anos e na sua trajetória de expansão apostou, numa primeira fase, nos territórios insulares (Madeira e Açores), embora tenha hoje uma presença importante (mais de 170 agências) no Continente, ainda que concentrada em Lisboa e no Porto (figura 8f). No exterior, privilegia a proximidade às comunidades portuguesas (África do Sul, Brasil, Venezuela, Canadá, EUA) e a *offshore* das ilhas Caimão.

### **3.2. Presença da banca portuguesa no estrangeiro**

Em resultado do processo de liberalização dos mercados financeiros, as empresas sentem necessidade de ganhar dimensão quer para actuar em mercados mais amplos quer para reduzir os efeitos da concorrência no mercado doméstico.

Figuras 7a e 7b – Implantação dos balcões de bancos estrangeiros em Portugal (1990 e 2000)



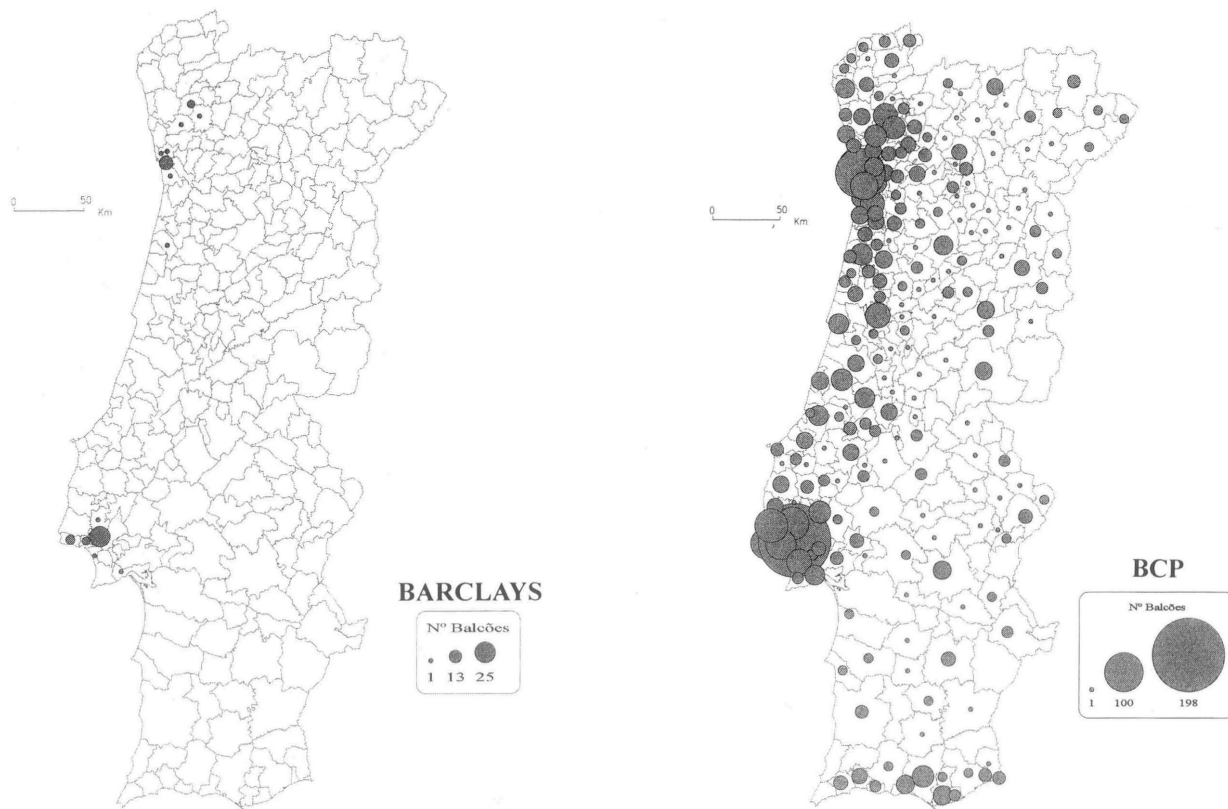
Fonte: Associação Portuguesa de Bancos

Figura 8a e 8b – Repartição espacial dos balcões da CGD e do BES, por concelhos (2001)



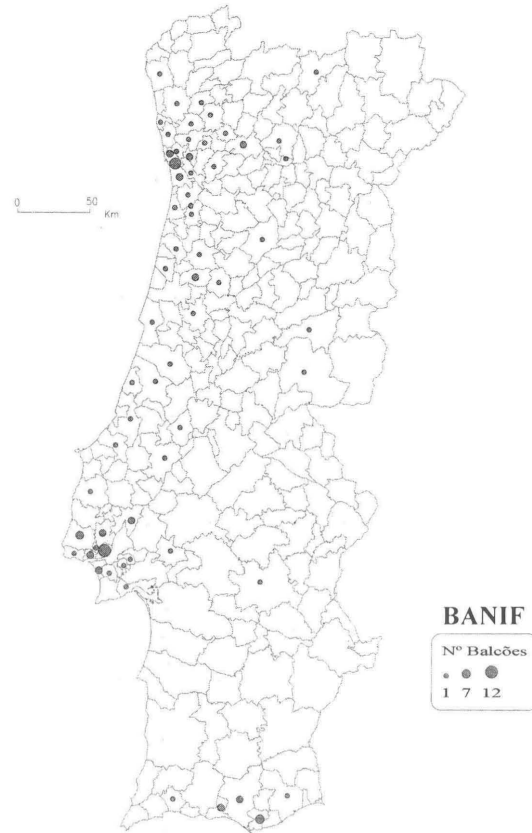
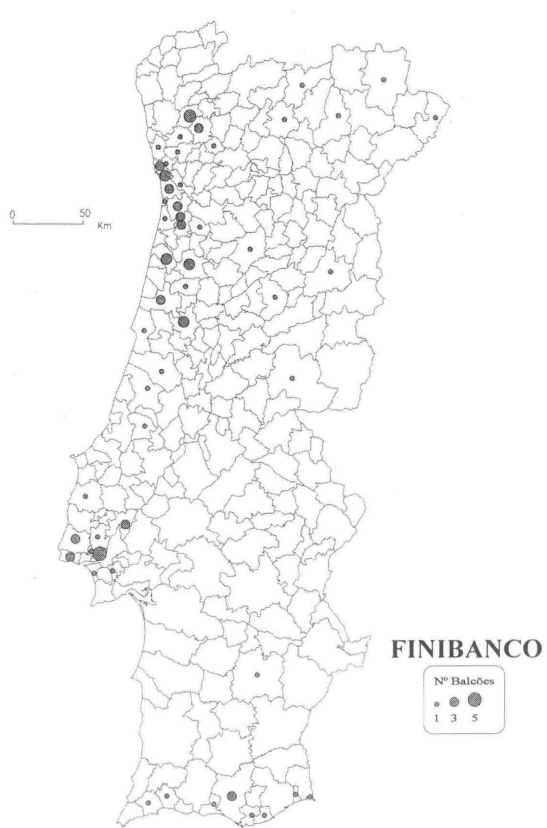
Fonte: Associação Portuguesa de Bancos

Figuras 8c e 8d - Repartição espacial dos balcões do BARCLAYS e do BCP, por concelhos (2001)



Fonte: Associação Portuguesa de Bancos

Figuras 8e e 8f - Repartição espacial dos balcões do FINIBANCO e do BANIF, por concelhos (1991)



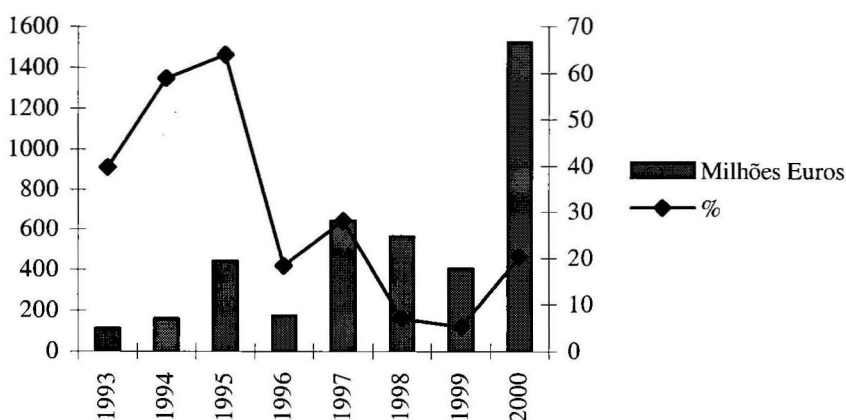
Fonte: Associação Portuguesa de Bancos

A chegada de novos concorrentes e de capitais estrangeiros confrontou as instituições financeiras com a sua reduzida dimensão empresarial em relação às congéneres europeias, tornando-as muito vulneráveis a acções hostis de aquisição. A criação e consolidação de grupos financeiros, resultado da integração de vários bancos e do estabelecimento de parcerias com a banca estrangeira, foi um percurso lógico de adaptação à nova conjuntura. As fusões foram muito importantes na consolidação da banca nacional, podendo ser identificadas duas fases: uma até 1974, tratando-se exclusivamente de fusões entre empresas nacionais, outra iniciada após a reprivatização das instituições financeiras e acelerada com a liberalização dos mercados, contando agora com a participação de capital estrangeiro.

Ao mesmo tempo que ganhavam dimensão, constituindo-se como grupos financeiros, delineavam a implementação de processos de internacionalização.

O investimento português no exterior em actividades financeiras, na última metade da década de 90, tem-se situado próximo dos 20%, exceptuando os anos de 1998 e de 1999, nos quais se verificou uma quebra generalizada do investimento no exterior. Esse valor é significativo se atendermos ao facto de que o ritmo de crescimento do Investimento Directo Português no Exterior (IDPE) neste ramo, entre 1996 e 2000, foi superior à média e que foi o segundo ramo com maior investimento depois das actividades imobiliárias e serviços às empresas.

**Figura 9 - Investimento Português no Estrangeiro nas Actividades Financeiras, em % do IDPE**



Fonte: Banco de Portugal.

Nota: 1993-1995 inclui o IDPE na banca, seguros e op. sobre imóveis; desde 1996 apenas o IDPE nas actividades financeiras.

Os grupos de maior dimensão (BCP, BPI, CGD) são também os mais presentes em mercados estrangeiros. O seu processo de internacionalização foi idêntico, tendo privilegiado a localização em países onde existe uma importante

comunidade portuguesa, ou com afinidades culturais ou linguísticas, como é o caso dos PALOP (quadro 2).

**Quadro 2 – Presença dos Grupos Financeiros Portugueses no Estrangeiro, 2002**

	CGD	BCP	BES	BPI	BANIF
<b>Europa</b>					
Espanha	X		X	X	
França	X	X	X	X	
Luxemburgo	X	X		X	
Bélgica				X	
Irlanda			X		
Reino Unido	X	X	X	X	
Suíça		X		X	
Holanda		X			
Grécia		X			
Alemanha		X			
Suécia				X	
Polónia		X			
<b>África</b>					
Marrocos			X		
Cabo Verde	X				
Angola		X	X	X	
Moçambique	X	X		X	
África do Sul		X	X	X	X
<b>América</b>					
Canadá		X	X	X	X
EUA	X	X	X	X	X
Brasil		X	X		X
Venezuela		X	X	X	X
<b>Ásia</b>					
Macau	X		X		
China	X	X	X		
Timor	X				
Madeira (Offshore)	X				
Caimão	X	X	X		X
Bahamas			X		

Fonte: Sítios da Internet dos vários grupos financeiros.

Nos anos mais recentes, a banca portuguesa também procurou acompanhar e apoiar a internacionalização das nossas empresas nos mercados tradicionais e nos emergentes (por exemplo na Polónia). No caso do Banif permanece muito visível a ligação às comunidades de origem insular.

A presença em “paraísos fiscais” é uma característica comum da estratégia de internacionalização dos grupos financeiros nacionais.

Em suma, a evolução recente da banca portuguesa revela, no território nacional a sua vulnerabilidade perante a ofensiva dos grupos estrangeiros e, no exterior, a dificuldade em implementar estratégias de internacionalização, acabando a sua tímida presença por se confinar a alguns países europeus e a outros onde as comunidades portuguesas ou as vantagens fiscais são importantes.



## Bibliografia

- André, I.; Malheiros, J. (1990), "A geografia das instituições bancárias em Portugal Continental 1974-1988" in *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, XXV(49), pp.227-243.
- Associação Portuguesa da Bancos, *Boletim Informativo*, vários números.
- Calixto, José G.P. (1990), *O sistema bancário português face à criação do Mercado Único Europeu*, Lisboa Banco de Fomento e Exterior.
- Teixeira, J.A.; Pires, I.M. (2001), "Integração de mercados e internacionalização: estratégias empresariais no comércio e serviços em Portugal" *Geoinova*, 3, pp.129-162